

Conheça outras
mães e filhas
indicadas ao Oscar



PÁGINA 5

Jovem dupla
grava belo tributo
ao mestre Tom Zé



PÁGINA 3

Sean Baker, do
oscarizável 'Anora',
fala ao Correio



PÁGINA 6 E 7

2º CADERNO

Acervo de família

Memória sequestrada

Neto denuncia invasão do perfil de Dorival Caymmi no Instagram, um atentado à história da música brasileira

Por Affonso Nunes

Em “Paratodos” Chico Buarque já cantava “Nessas tortuosas trilhas / A viola me redime / Creia, ilustre cavalheiro / Contra fel, moléstia, crime / Use Dorival Caymmi”. Falar da importância deste cantor e compositor baiano (1914-2008) para a cultura brasileira é como chover no molhado. Sua obra musical é ouvida e apreciada por pessoas de todas as idades e seu legado extrapola a música, influenciando a literatura, a pintura e outras formas de expressão artística. Em novembro, o perfil do artista no Instagram - com certa de 18,5 mil seguidores - foi invadido e hackeado.

“Recebi email do Instagram falando que o email de administração da conta havia sido alterado. Desde então perdi o acesso ao perfil. E o que é pior: todas as postagens que fiz desde 2018 foram apagadas”, denuncia o artista gráfico Gabriel Caymmi, neto de Dorival e que trabalha com a obra do músico nas redes, visando perpetuar seu legado.

Com apuro gráfico, o perfil do patriarca do clã Caymmi funcionava como um museu virtual do artista, destacando sua biografia e obra - um valioso material de consulta para fãs e pesquisadores “Todas as músicas dele eram agrupadas por temas. Com a invasão, tudo isso foi apagado”, queixa-se Gabriel, que pretende levar o caso à Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática (DRCI).

Continua da página seguinte



Capturas de tela de publicações no perfil de Dorival Caymmi que foram apagadas pelo invasor. As postagens, de conteúdo relevante e apuro gráfico, serviam como importante fonte de pesquisa

‘Estamos totalmente dependentes da boa vontade da Meta’

Arquivo Nacional



Acervo de família



Cantor, compositor e pintor, Dorival Caymmi levou sua amada Bahia a todo o Brasil a partir de sua obra

O perfil invadido não possui postagens e exibe hoje uma foto de uma mulher não identificada. Nos detalhes da conta, nota-se que ela foi migrada para os Estados Unidos, onde certamente reside o hacker. “Como o Instagram não oferece um canal direto para solucionar esse tipo de problema, estamos totalmente dependentes da boa vontade da Meta”, afirma Gabriel Caymmi, referindo-se à big tech que detém a rede social. O designer destaca que esse minucioso trabalho em prol da memória do avô não lhe rende um único centavo, mas destaca o dano moral provocado por essa invasão.

“Fiz todo um planejamento de postagens infinitas em que um post depende do outro, um trabalho enorme. Mas como Dorival Caymmi não é um influenciador, a impressão que dá é que eles não estão nem aí. Eles têm que mudar essa forma de atender as pessoas aqui no Brasil. Não é possível que não exista um canal de comunicação com os usuários. Eles já ganham tanto dinheiro às nossas custas e a gente não pode fazer nada? Tem muita gente que depende disso para trabalhar. Usam nossos dados para ganhar muito dinheiro. Por isso que o aplicativo é gratuito”, prossegue.

Procurada pela reportagem, a Meta não respondeu aos questionamentos que o Correio da Manhã fez sobre o caso até o fechamento desta edição. Na ausência de respostas da empresa, decidimos encaminhar uma pergunta à inteligência artificial da Meta sobre a importância de se manter ativos perfis de artistas mortos e a resposta foi a seguinte: “Manter ativos perfis de artistas já falecidos nas redes sociais é importante para preservar a memória e o legado do artista; conectar com os fãs e comunidade; promover e divulgar a obra; educar e pesquisar; proteger os direitos autorais; e gerenciar a propriedade intelectual”.

Ainda perguntamos à inteligência artificial da Meta o que se fazer em caso de invasão dos perfis no Instagram. Segue a resposta: “Se você não conseguir recuperar a conta, envie um pedido de ajuda ao Instagram usando o formulário de suporte”.

Como se vê, a inteligência artificial da Meta reconhece a importância e relevância de um perfil como o de Dorival Caymmi e recomenda que as vítimas da invasão levem o caso aos canais de suporte do aplicativo. Mas diante do silêncio da empresa, conclui-se que onde sobra inteligência artificial, a inteligência humana, a empatia e o respeito são escassos.

Dos palcos para o estúdio, um Tom Zé revisitado

Miguel Przewodowski/Divulgação

Jovens músicos paulistas Luan Carbonari e Gabriel Rojas gravam álbum dedicado ao repertório atemporal do compositor baiano, um dos pilares da Tropicália

Por Affonso Nunes

Baiano de Irará, o cantor e compositor Tom Zé pode ser considerado o último dos tropicalistas. Surgiu para a cena musical brasileira ao lado dos conterrâneos Caetano Veloso, Gal Costa (1945-2022), Gilberto Gil e Wally Salomão (1943-2003); do letrista piauiense Torquato Neto (1944-1972) e dos paulistas do trio Mutantes. Do alto de seus 88 anos e de uma extensa discografia, o artista é conhecido por estar em constante renovação. Por isso mesmo não lhe faltam homenagens das novas gerações. Em “Uma Canção para Tom Zé”, pérolas do repertório do compositor são revisitadas pela dupla formada por Gabriel Rojas (voz e piano) e Luan Carbonari (voz e violão), dois jovens e virtuosos multi-instrumentistas de São Paulo.

Idealizado, produzido, roteirizado e dirigido pela atriz Ana Beatriz Nogueira, o espetáculo que ilumina o cancionário de Tom Zé estreou em março de 2023, no Rio, e chega às plataformas de música no formato de álbum digital via Biscoito Fino.

O álbum reproduz o repertório do show, nas mesmas versões acústicas, cheias de personalidade e nada óbvias, como planejava Ana Beatriz Nogueira. “Há anos eu tenho vontade de fazer algo para o Tom Zé. Uma expressão artística para demonstrar a minha imensa admiração por ele, pelo compositor que ele é. Eu sou atriz, não sou compositora: fiz ‘Uma canção para o Tom Zé’ mesmo sem ser esse o meu ofício. Sendo atriz, a música está no meu



Luan Carbonari e Gabriel Rojas com Ana Beatriz nos bastidores da gravação do álbum no estúdio da Biscoito Fino

Divulgação



trabalho, amo música. Dirigi ‘Pelo Sabor do Gesto’, da Zélia Duncan, ‘Extravios’, de Leila Pinheiro, que eu também roteirizei e produzi. Já dirigi jovens, adoro conhecer jovens músicos, jovens atores, jovens artistas. Adoro unir as pontas desse barbante, todo o caminho que une uma coisa à outra”, conta a atriz.

E Ana Beatriz Nogueira conheceu Gabriel Rojas e Luan Carbonari assistindo a vários vídeos: “Vi os meninos na internet e imaginei que seria muito bonito os dois cantarem

para gerações que talvez não tenham tanto contato com o tesouro que é a existência do Tom Zé. Algo mais acústico, onde melodia e letra pudessem ser escutadas com calma, para quem não conhece, através de dois jovens”, pontua.

Já Gabriel e Luan se conheceram ainda crianças, no conservatório de música da família de Luan, em Botucatu, interior de São Paulo. “Publicamos vídeos individuais e também alguns juntos: Luan tocando guitarra e cantando, eu tocando piano e cantando. Por conta disso, a Ana Beatriz acabou nos conhecendo e gostou do meu trabalho e do trabalho do Luan”, reforça Gabriel Rojas.

O próximo passo para Ana Beatriz foi trazer Luan e Gabriel ao Rio para vários ensaios do show que estrearia no Clube Manouche. A atriz já tinha uma seleção de canções para o espetáculo, como lembra Luan Carbonari: “Com base na lista que ela nos trouxe, a gente fez também o nosso trabalho de pesquisa. A Ana super aceitou as ideias que a gente trouxe, então, fomos decidindo em conjunto quais entrariam e quais ficariam de fora do repertório. Foi nesse trabalho de pesquisa para o show que a gente realmente mergulhou na obra e na cabeça do Tom Zé. E foi um processo muito praze-

roso, muito enriquecedor para a gente”.

A estreia, em março do ano passado, contou com a presença do homenageado: “Trouxe o Tom Zé e a Neuza Martins para assistirem, porque ‘Uma canção para o Tom Zé’ sem ele, perderia toda a graça.”, conta Ana Beatriz. Na plateia daquela noite especial, a produtora e empresária Ana Basbaum gostou tanto do que ouviu, que sugeriu à gravadora Biscoito Fino fazer um registro em estúdio do projeto.

O álbum foi gravado em apenas 2 dias, com o mesmo repertório do show e direção artística de Ana Beatriz Nogueira. A capa do álbum, assinada por Alexandre Castro, se inspira nas capas icônicas criadas pelo designer e ilustrador César Villela para os discos da gravadora Elenco, nos anos 1960. No repertório, 12 canções do compositor baiano, entre elas “Se”, “Clarice”, “Tô”, “Morena” e “Silêncio de Nós Dois”.

“Agora, eu estou fazendo uma outra ‘Canção para o Tom Zé, através do álbum gravado pela Biscoito Fino, que, para mim, só faz coisas especialíssimas e de altíssima qualidade. É lindo tudo isso estar acontecendo. E é a realização de um sonho meu para Tom Zé, por Tom Zé, por causa do Tom Zé”, destaca Ana Beatriz Nogueira.

Daniela Petrel/Divulgação



Maria Fernanda Cândido acaba de estrear em São Paulo o monólogo 'Balada Acima do Abismo'

'Ser bonita abre portas, mas não as mantém abertas'

Maria Fernanda Cândido encarna a fluidez de Clarice Lispector em novo espetáculo

Por Gustavo Zeitel (Folhapress)

Desde que chegou de Paris, onde mora há seis anos, Maria Fernanda Cândido passa horas em seu camarim, no porão do Teatro-D-Jaraguá, em São Paulo. Sentada numa poltrona, a atriz mostra apreço por seus recentes achados literários, descobertos em livrarias da capital francesa. Entre eles, uma antologia bilingue de poetas russos, que ela folheia, deixando ver os seus grifos. "A beleza é sempre positiva, é uma moeda mundial", diz ela. "Ser bonita abre portas, mas não as mantém abertas. A trajetória de uma vida não será

feita por causa da beleza somente."

Aos 50 anos, a atriz não se importa com a pressão estética da sociedade, expressão agora debatida na internet. "Eu não pego isso para mim", diz, enquanto passa rímel, diante do espelho, minutos antes do ensaio fotográfico.

Considerada uma das mulheres mais belas do século, segundo uma enquete feita pelo Fantástico, da Globo, Cândido prefere se atentar à literatura. No fim de semana, estreou a peça "Balada Acima do Abismo", um colagem de textos de Clarice Lispector, autora que marcou a sua adolescência. O projeto se iniciou há quatro anos, na forma de um recital, realizado na Embaixada do Brasil, na França, em homenagem ao centenário da autora. Desde então, cumpriu temporadas em Paris.

"Percebo um movimento de descoberta da obra de Clarice na França, sobretudo entre jovens adultos, que ficam muito curiosos e querem saber de quem são esses textos", afirma a atriz. Por ironia, só agora o espetáculo será apresentado ao público na língua em que Clarice escreveu seus livros.

"Quando muda a língua, tudo muda, e é claro que o português é melhor. Nos textos dela a tradução nunca é exata. Os franceses tentam corrigir as transgressões gramaticais dela, e a gente tem de barrar esse ímpeto, porque isso é a obra da Clarice", diz.

A dramaturgia de Catarina Brandão se concentra nos contos "A Repartição dos Pães", "E Para Lá que Eu Vou" e "Restos de Carnaval", resgatando também entrevistas encontradas na imprensa. "Balada Acima do Abismo" combina as passagens determinantes da biografia de Clarice a uma investigação das obras selecionadas.

O nome do espetáculo tem origem num poema de Carlos Drummond de Andrade, publicado no Jornal do Brasil, em 1977, um dia depois da morte da escritora e do dia de seu aniversário. No poema, Drummond ressaltava o misticismo, característica da literatura clariceana que ainda seduz novas gerações de leitores.

Em especial, "Balada Acima do Abismo" replica uma ideia de indeterminação, que perpassa todo o projeto literário de Clarice,

em diferentes instâncias. De início, a obra da escritora é marcada por um hibridismo de gêneros. Alguns contos, por exemplo, podem ser entendidos como crônicas - e vice-versa.

Ao resumir "Água Viva", lançado no ano de 1973, como uma ficção, Clarice mais expunha seu gosto pela dúvida do que resolvia o impasse. Não é romance, conto e muito menos ensaio. Por isso, a água, imagem recorrente em sua obra, plasma em que se dispersa o universo da autora. De modo análogo, não é possível identificar, na costura dos textos de "Balada Acima do Abismo", onde começam e terminam os contos.

Sobretudo, não se sabe quem é a mulher em cena. É um "eu" em constante devir. Nas passagens biográficas, Cândido assume a primeira pessoa do singular, como se fosse a escritora. Lendo os contos, encarna as personagens ou se distancia delas, sendo narradora.

A peça é um monólogo, mas Cândido não está sozinha em cena. Ela divide o palco com a pianista Sonia Rubinsky, importante especialista da obra do compositor Heitor Villa-Lobos. A música que será interpretada tem estreita relação com a palavra falada.

"Esses textos de Clarice têm uma particular fluidez, existe um respirar das frases e tudo o que um músico quer é isso", afirma Rubinsky, que venceu, há 16 anos, o Grammy Latino. Além de obras de Villa-Lobos, ela tocará peças de outro brasileiro, Alberto Nepomuceno, e do russo Sergei Rachmaninov.

São modos de evocar a atmosfera enigmática dos contos. Para Cândido, o mundo de Clarice parece menos estranho agora. Há dois anos, ela viveu o papel-título do filme "A Paixão Segundo G.H.", adaptação do romance de 1964, dirigida por Luiz Fernando Carvalho.

A atriz afirma que a peça e o filme são bem diferentes entre si, mas se ligam nos temas que caracterizam o universo da autora, como a busca pelo sentido da vida. Cândido reconhece a importância que o cinema teve em sua vida, desde que trocou o mundo da moda pela arte.

A encenação de um espetáculo sobre Clarice vindo da Europa reacende o debate sobre a recepção da obra da escritora no exterior. A França é um caso particular. Nos anos 1970, a crítica literária feminista Hélène Cixous, entusiasmada com a leitura de "A Paixão Segundo G.H.", passou a organizar seminários sobre a obra da ficcionista. "Naquela altura, já existiam traduções de Clarice para o francês, mas os ensaios escritos por Cixous foram determinantes para que mais pessoas a lessem no país. também um fenômeno comercial", diz Maria Fernanda.

Os brasileiros ainda estão de ressaca cívica e eufóricos com a indicação de Fernanda Torres aos Oscar de Melhor Atriz por sua arrebatadora interpretação em 'Ainda Estou Aqui' e o fato de repetir o feito de sua mãe, a grande Fernanda Montenegro, com "Central do Brasil", do mesmo Walter Salles, há 26 anos é ainda mais expressivo.

As duas Fernandas agora fazem parte do seleto grupo de mães e filhas indicadas ao Oscar desde a primeira edição, em maio de 1929. Fernanda Montenegro viria ao mundo em outubro do mesmo ano.

Ao ser questionada em entrevistas se o fato de ser filha de uma das maiores atrizes do Brasil, ajudava sua carreira, Fernanda Torres costuma repetir que ser uma nepo baby não lhe garante a vida e disse ser contra os ataques que os filhos de famosos recebem. "Você não precisa matar um nepo baby assim que ele nasce. Eu realmente odeio essa ideia porque as pessoas aprendem pelo ambiente. Isso não significa que quando você é um nepo baby sua vida está resolvida. Pelo contrário, você tem que se inventar. Você tem outros problemas", disse em entrevista ao portal internacional IndieWire. "Não mate os 'nepo babies'. Hoje em dia estamos cheios de lutas erradas. Estamos cheios de brigas barulhentas que não nos levam a nada. A luta contra a desigualdade, a luta pela tributação das grandes fortunas, a luta pela regulação do mundo digital, essas são as boas lutas. Vamos pessoal, acordem", acrescentou.

Confira a seguir as mães e filhas que já foram indicadas ao Oscar - não necessariamente na mesma categoria.

JUDY GARLAND E LIZA MINNELLI - Judy Garland, memorável em papel de "O mágico de Oz", concorreu ao Oscar duas vezes: como melhor atriz por "Nasce uma estrela", em 1955, e melhor atriz coadjuvante

Talentos de mãe para filha

Além das Fernandas Montenegro e Torres, confira outras mães e filhas atrizes indicadas ao Oscar nestes 97 anos da premiação

Reprodução Instagram



por "Julgamento e Nuremberg", em 1992. Sua filha Liza Minnelli também recebeu duas indicações: por "Os anos verdes", em 1970; e por "Cabaret", quando venceu o prêmio de melhor atriz no Oscar 1973, 18 anos após a indicação da sua mãe na mesma categoria.

INGRID BERGMAN E ISABELLA ROSSELLINI - Isabella Rossellini foi indicada pelo seu papel em "Conclave" a melhor atriz coadjuvante no Oscar 2025 e, assim como Fernanda Torres, também levou sua mãe ao seleto grupo de mães e filhas indicadas. Sua mãe Ingrid Bergman, que morreu em Londres

“As pessoas aprendem pelo ambiente (...) Quando você é um nepo baby sua vida está resolvida. Pelo contrário, você tem que se inventar”

Fernanda Torres

aos 67 anos em 1982, venceu o Oscar três vezes: como melhor atriz por "À meia luz", em 1945, e por "Anastasia, a princesa esquecida", em 1957; e como melhor atriz coadjuvante por "Assassinato no Expresso Oriente", em 1975. Ela ainda recebeu outras quatro indicações como melhor atriz: em 1944 (por "Por Quem os Sinos Dobram"), 1946 (por "Os Sinos de Santa Maria"), 1949 (por "Joana d'Arc") e 1979 (por "Sonata de Outono").

JANET LEIGHE E JAMIE LEE CURTIS - Facilmente reconhecidas no cinema de gênero, Janet Leigh concorreu ao prêmio de melhor atriz coadjuvante no Os-

car 1961 por "Psicose", clássico de Alfred Hitchcock. Contudo, apesar de ter vencido o Globo de Ouro na mesma categoria pelo mesmo papel, ela não venceu. Já sua filha, Jamie Lee Curtis, venceu o prêmio de melhor atriz coadjuvante no Oscar 2023 por "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo", 62 anos depois da indicação da sua mãe.

GOLDIE HAWN E KATE HUDSON - Goldie Hawn já venceu um Oscar logo na primeira indicação. Foi com o prêmio de melhor atriz coadjuvante por "Flor de Cacto", em 1970. Dez anos depois ela foi indicada ao prêmio de melhor atriz por seu trabalho em "A recruta Benjamin", em 1980. Por sua vez, sua filha Kate Hudson foi indicada ao Oscar 21 anos depois ao prêmio melhor atriz coadjuvante por "Quase famosos", em 2001. Esse foi um dos primeiros trabalhos de Hudson no cinema e ela já abocanhara uma nomeação na Academia.

DIANE LADD E LAURA DERN - Diane Ladd fez diversas personagens em filmes clássicos de Hollywood e ganhou três indicações na categoria de melhor atriz coadjuvante: por "Alice não mora mais aqui", em 1975; "Coração selvagem", em 1991; e "As noites de Rose", no ano seguinte. Sua filha Laura Dern também ganhou três indicações ao Oscar em toda carreira: como melhor atriz por "As noites de Rose"; e melhor atriz coadjuvante por "Livre", em 2015, e "História de um casamento" em 2020, onde venceu a categoria. Diane Ladd e Laura Dern são as únicas mães e filhas indicadas ao Oscar por atuarem em um mesmo filme - "As noites de Rose", na edição de 1992.

ENTREVISTA / SEAN BAKER, CINEASTA

‘Esperança gera idealismo’

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

A testado audiovisual da saúde criativa do cinema independente americano, “Anora” lançou sua candidatura ao Oscar assim que conquistou a Palma de Ouro no Festival de Cannes de 2024, em maio, coroando a autorialidade de seu realizador, Sean Baker. O selo de qualidade autoral que carrega há uma década, desde o sucesso de “Tangerina” (2015), vem não apenas de sua estética nevrálgica, de planos-sequência trepidantes, mas de sua recorrente imersão no dia a dia dos profissionais do sexo. Abordou a prostituição em “Projeto Flórida” (uma sensação da Quinzena de Cineastas de Cannes em 2017). Falou de um astro pornô em busca de emprego em “Red Rocket” (2021).

Agora, seu novo longa-metragem, indicado à estatueta da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood em seis categorias (inclusive a de Melhor Filme), faz de uma stripper de 23 anos, Anora Mikheeva (ou Ani para os íntimos... e clientes), sua personagem central. A atuação de Mikey Madison torna Ani uma figura tridimensional nos afetos, nas carências e na coragem de peitar machos escrotos. Não por acaso, ela é uma das concorrentes mais fortes da carioca Fernanda Torres (indicada por “Ainda Estou Aqui”) ao troféu de Melhor Atriz na caça à estatueta dourada mais cobiçada da indústria cinematográfica.

Nascido em Nova Jersey, há 53 anos, Baker sabe filmar com pouco dinheiro, como todo artista indie do bom. Rodou “Anora” com US\$ 6 milhões. Escreveu, dirigiu e montou essa espécie de Cinderela sem sapatinho de cristal, que já faturou US\$ 33,7 milhões nas bilheterias. Sua estreia no Brasil, no último fim de semana, expande os dividendos do longa na América Latina. Com o anúncio das nomeações ao Oscar, sua receita há de crescer, assim como o prestígio de Baker. Ele está indicado aos prêmios de Melhor Roteiro, Melhor Montagem (ao qual dispara como o favorito) e Melhor Direção. Nesse quesito compete com os franceses Jacques Audiard (“Emilia Pérez”) e Coralie Fargeat (“A Substância”) e com os americanos James Mangold (“Um Completo Desconhecido”) e Brady Corbet (“O Brutalista”).

Sua precisão na condução de Mikey nos sets é notável, assim como seu diálogo com cânones do humor. “Fui conversar com as tramas românticas do cinema dos anos 1980

extraíndo delas o que têm de mais cômico”, disse o realizador numa entrevista Zoom organizada pela Golden Globe Foundation, na qual falou com o Correio da Manhã.

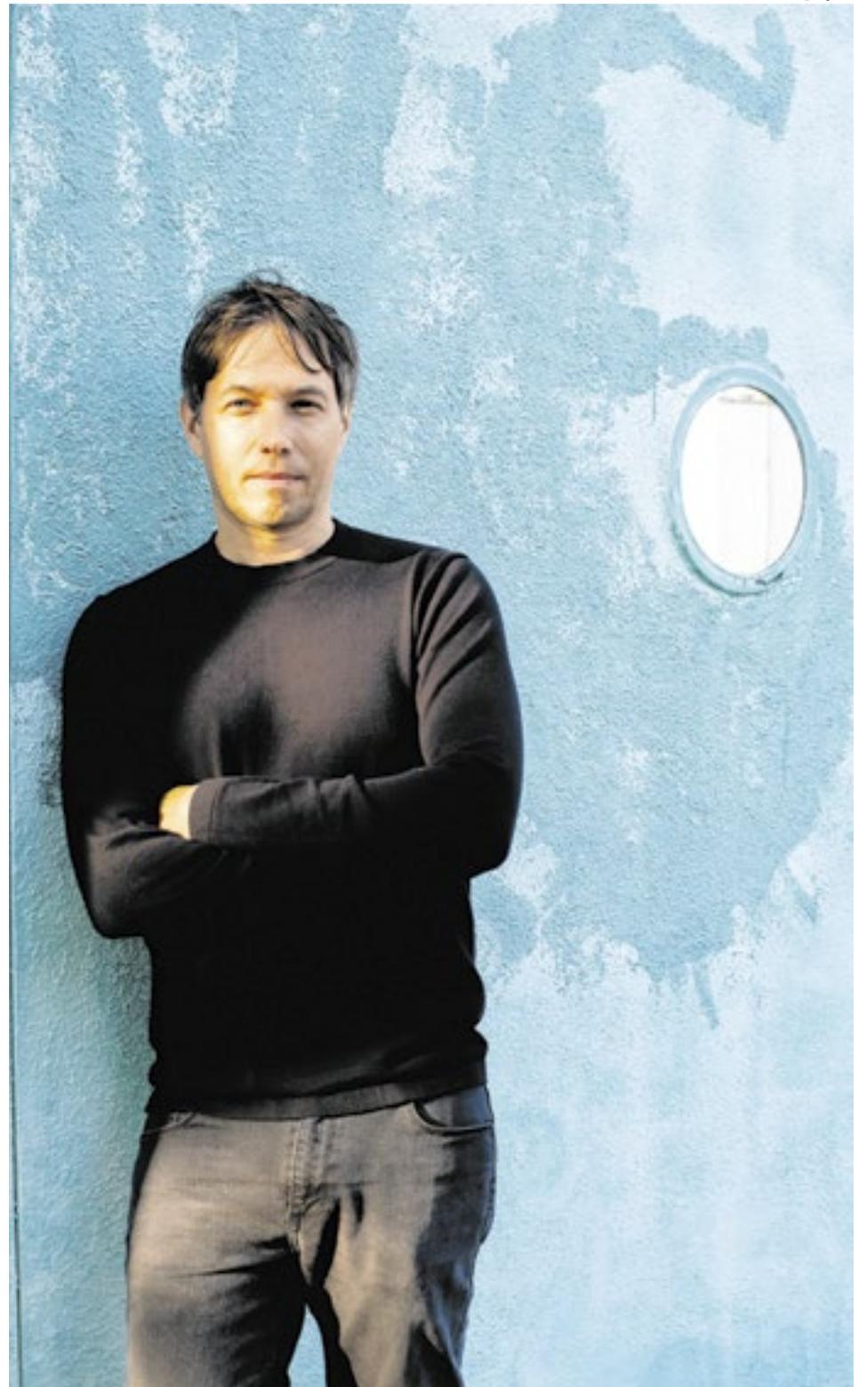
Em sua cartografia da vida noturna do Brooklyn, ele acompanha as doideiras que se passam com Ani depois que ela se envolve com o filho muito louco de um oligarca russo, o moleque Ivan (Mark Eydelshteyn), que conhece no clube onde faz strip-tease. Um momento de conto de fadas se desenha para a moça quando Ivan propõe que eles se casem em Las Vegas. Quando a notícia desse matrimônio às cegas chega à Rússia, despertando a fúria da mãe de Ivan, sua ilusão de uma vida de luxo e riqueza é ameaçada. Em paralelo, um dos prestadores de serviço do rico eslavão, o segurança Ivan (Yura Borisov, indicado ao Oscar de coadjuvante), começa a se encantar por ela. Esse torvelinho de sexo, festas e decepções põe à prova todo o talento de Baker, que explica sua forma de fazer dramédia no papo a seguir.

O que a solidão de Ani reflete sobre a juventude contemporânea?

Sean Baker: O cinema que eu faço trata de pessoas marginalizadas, que estão nas franjas da sociedade, vetadas da busca pelo chamado “sonho americano”. Ani é uma dessas figuras, mas não sei se a vejo como uma pes-

“O cinema que faço trata de pessoas marginalizadas, que estão nas franjas da sociedade, vetadas da busca pelo chamado sonho americano”

Divulgação



soa solitária, pois ela tem amigos, tem a irmã. O que sinto nela é um potencial enorme para amar. Em alguma medida, parece haver um amor dela por Ivan. Ela tem esperança. Isso é fato. Esperança gera idealismo.

Existe uma mirada política prévia na abordagem de “Anora” seja para o ofício das strippers, seja o da imigração russa?

Na ficção, quando se formata uma narrativa sob a mediação de uma perspectiva sociológica, a gente incorre no risco de cair na pregação, de ficar fazendo palestra. Num filme documental, eu posso me abrir a essa reflexão social na base. No caso do entretenimento, se eu entro numas de pregar, eu perco a plateia. O eixo de “Anora” vem das convenções da screwball comedy (uma comédia de situações, com viradas inusitadas, quase sempre ligada a guerra dos sexos, desnudando o machismo), empregadas no esforço de entendermos a cabeça de uma jovem. Nos últimos anos, no cinema, as plateias se acostumaram a só ver franquias. Os estudos de personagem, inerentes ao filão da dramédia, parecem um prazer distante. Fui atrás desse prazer. Meus filmes, em geral, têm momentos de humor. Neste, a risada é maior.

O que mais te fascina no universo dos “trabalhadores do sexo”?

Durante a imersão que fiz no contexto social de trabalho a que Ani pertence, não ouvia relatos extraordinários sobre lascívia ou violência, mas sim desabaços de gente que tinha de correr para casa para estender a roupa no varal. É o tipo de depoimento que humaniza, que gera identificação. Eram relatos de gente preocupada em não deixar a roupa cheirando mau por estar pendurada na corda por tempo demais. Isso aproxima, mostra que somos gente. Nunca entrei nesse universo buscando glamour e saí dele com novas amizades.

A indicação de “Anora” ao Oscar de melhor montagem consagra o seu trabalho como editor de imagens. Você segue algum método de montagem específico?

Depois que todo o roteiro de um projeto meu é filmado, eu tiro qualquer detalhe de produção de perto. Conto com a parceria da minha mulher (a produtora Samantha Quan) nessa seara. Nesse momento, eu me distancio radicalmente do que filmei, por meses, para dar tempo de me dissociar do que rodei. Aí, quando finalmente vou para a ilha de edição, tenho como encarar o material filmado como se fosse um documentarista olhando imagens do real. Eu monto sempre em ordem cronológica, respeitando a ordem a trama, para entender o ritmo.

CRÍTICA / FILME / ANORA

Divulgação



Em ‘Anora’, uma garota de programa vive um conto de fadas às avessas com um playboy russo

Boa combinação de conto de fada com comédia física

Por **Lúcia Monteiro** (Folhapress)

Assim que começa o romance entre Ani e Vanya, a plateia já sabe: apesar do parentesco com os contos de fada, a história tem pouca chance de acabar bem. Em “Anora”, longa de Sean Baker que venceu a Palma de Ouro em Cannes, Ani, vivida por Mikey Madison, trabalha como stripper de uma boate de Manhattan e é escalada para atender Vanya (Mark Eydalsteyn), milionário russo recém-saído da puberdade.

O garoto mora em uma mansão, num condomínio fechado, mas vive solto em Nova York, numa rotina que alterna festas, bebidas, drogas e videogame. Ela vive no subúrbio, e como aprendeu um pouco de russo com a avó, nascida na antiga União Soviética, consegue trocar algumas palavras na língua materna de Vanya, o que contribui para derreter seu coração.

As habilidades sexuais da gata arrebatam o rico: ele paga US\$ 15.000 para a ter com exclusividade por uma semana. Nesse período, vivem numa festa permanente. Com os

amigos, também filhos ou netos de imigrantes do leste europeu, passeiam pela região de Brighton Beach e Coney Island, num inverno luminoso.

Toda a primeira parte do longa tem a efusividade e as cores de um videoclipe eletrizante. Alguns trechos lembram “Trainspotting” (1996) e outros filmes dos anos 1990, em que uma juventude sem rumo se deixa levar nos embalos de drogas e sexo trash.

Noutras passagens, vem a mente a memória de “Uma Linda Mulher” (1990), sucesso protagonizado por Julia Roberts. Ani ganha roupas novas, torna-se moradora da mansão, viaja de jato particular para Las Vegas. Uma vez em Vegas, claro, ela é pedida em casamento - e os pombinhos se casam.

A virada surpreendente da trama se dá quando os pais de Vanya, na Rússia, ficam sabendo dos rumos da vida do filho. A narrativa ganha então as cores de uma comédia mais física, que beira o pastelão, algo que a plateia não tinha como antecipar, mesmo se anteviesse um futuro triste para aquela Cinderela do subúrbio.

Padre armênio que atua como tutor do

menino, Toros (Karren Karagulian) interrompe o batizado que celebrava na igreja ortodoxa para tentar anular o matrimônio de Vanya e Ani. Seus capangas invadem a mansão e pegam os dois com pouca roupa.

A partir daí, a tarefa de Mikey Madison deixa de ser somente interpretar uma stripper de 20 anos. Ela se torna uma mulher gigante, capaz de pôr abaixo a trinca de fortões. A configuração rende um punhado de lances hilários.

“Anora” é dirigido por Sean Baker, que havia feito “Tangerine” (2015) e “Projeto Flórida” (2017), histórias cheias de nuances, atentas às brutais desigualdades sociais que fazem funcionar alguns dos mais icônicos pilares do “sonho americano” - como a Disney, em “Projeto Flórida”, e a opulência nova-iorquina, agora. Uma melancolia de fundo, anunciada desde o início do novo longa, encontra expressão maior nos instantes finais de “Anora”, que gerou certa surpresa ao conquistar a Palma de Ouro.

Um dos algozes da stripper chama atenção para o nome real da personagem, que não é Ani, cuja sonoridade remete a “any”, uma mulher qualquer, mas Anora, alguém com brilho próprio, com personalidade original.

A atuação de Madison, na corrida pelo Oscar, atinge um espectro de emoções mais amplas, da alegria juvenil ao drama existencial, passando pela raiva e pela combatividade quase cômicas. Supera-se, assim a impressão inicial da personagem, como uma gata sensualíssima e mais nada. Um grande filme.

CRÍTICA / RESTAURANTE / CANASTRA TRATTORIA

Bem poderia ser em Amalfi

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O Canastra começou pequeno na Rua dos Jangadeiros e ganhou fama com as ostras fresquinhas todas as terças. Vinha gente de todo lugar, tomar um vinho, comer as outras, ouvir uma musiquinha. Um programa único que acabou. Ai criaram. O Le Poulet, um micro bistrô francês, na praça General Osório com os pratos super típicos de Paris.

O Canastra Trattoria, no Leme, é o mais novo restaurante do Grupo Canastra, esse mesmo que inventou essa mistura de francês com botequinagem. Agora, já comemoram com um diferencial. O produtor cultural Caio Bucker cuida do marketing de um forma diferente: apoiar peças, exposições, shows, ter os artistas circulando, inte-



Divulgação

A pizza com massa de fermentação natural é uma das especialidades da Canastra

lectuais, apreciadores, mais uma vez gente de toda parte, para comer uma ótima comida italiana e saborear pizzas.

Fomos atendidos, divinamente, pelo Gabriel que, nos cuidava no Le Poulet e com os drinques maravilhosos do Mateus. Caio é um clássico foi de Fitz. Sem medo de experimentar, pedimos um Paloma. Grapefruit, soda feita na casa dom Tequila e limão, refrescante, lindo (e rosado), delicioso.

Pedimos os hits da casa. O carpaccio de polvo (farto, perfeito para dividir na mesa, falando da peça, tomando os drinques) com alioli e vinagrete de uva. A burrata Pugliese vem com ótimo tamanho, muiiiitos tomatinhos cereja frescos e um pesto. Muito bom. Acompanhados da focaccia feita no forno a lenha, com baixa fermentação

Depois, vendo as pessoas passarem, a brisa e o barulho do mar, comemos o risoto da casa. No ponto certo, o caldo de legumes perfumando e o alho poró perfeitamente crocante. O inhoque no ponto certo, com o molho de tomate, tb da casa, succulento com o manjeriço dando o frescor. Nada a mais, havendo a tratar depois de tantas boas escolhas, sentimo-nos no sul da Itália onde o verão é sempre uma festa.

SERVIÇO

CANASTRA TRATTORIA

Av. Atlântica, 994 - Leme

Diariamente, das 12h às 0h

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Perfeitamente francês

Ao longo do tempo, a clássica receita do croissant ganhou novas e elaboradas versões com os mais variados sabores e recheios. Considerada uma “viagem” à Cidade Luz em pleno Rio, a Éclair Cafeteria e Bistrot, comandada pela chef Millena Sá, apresenta uma variedade de croissants para celebrar. Nos sabores doces, destaque para o croissant de nutella, pistachella e chocolate branco. Há também os salgados para que não abrem mão de comer mais de uma versão: ovo mexido d’hotel com bacon, além do clássico queijo quente.

Divulgação



Divulgação

Dia do Croissant

No próximo dia 30 de janeiro é comemorado o Dia Mundial do Croissant. O pão folhado de origem francesa conquistou e continua conquistando apaixonados pela iguaria mundo afora. Seja doce ou salgado, vai bem a qualquer hora do dia. O Café Cultura, há mais de 20 anos Sul e Sudeste do país levando cafés especiais para as xícaras dos clientes, comemora o Dia do Croissant com versões salgadas desde o Croissant com queijo muçarela; o Croissant Mussarela e Presunto até o mais elaborado, o Croissant Gringo, com queijo mussarela, presunto e ovo (foto).



Divulgação

Simple e sofisticados

Considerada um paraíso para os apaixonados por pães artesanais, a Grão Artesanal, padaria especializada em pães com 100% de fermentação natural e produzidos na casa, oferece em seu variado cardápio desde o croissant até opções mais elaboradas nos sabores queijo Minas gratinado e queijo com presunto. O cardápio também contempla versões doces como o croissant de amêndoas, com creme de amêndoas e finalizado com amêndoas laminadas e açúcar de confeitiro, além do croissant de pistache (R\$ 31), finalizado com pistache torrado e açúcar de confeitiro.